

Um estudo da representatividade das crônicas selecionadas pela Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro**

A study of the representativeness of the chronicles selected by the Portuguese Language Olympiad *Writing the Future*

Tatiana Simões e Luna¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é investigar a antologia de textos selecionados pela Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* (OLPEF) para ensinar o gênero crônica. Encontramos aporte teórico nos estudos de Bakhtin ([1952-1953] 2016; [1934-1935] 2015; [1924] 2014), de Cândido (1992), de Sá (1997) e de Bender e Laurito (1993) para apresentar a constituição e a caracterização desse gênero. Em seguida, analisamos a antologia dos materiais didáticos da 5ª edição da OLPEF: a *Coletânea* (OLIMPÍADA, 2016) e o *Caderno do Professor A ocasião faz o escritor* (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016a, 2016b). As especificidades desse *corpora* requerem a convocação de referenciais da Linguística Aplicada, em consonância com os postulados bakhtinianos, como Rojo (2009) e Dalvi (2013). Os critérios que guiam nossa análise são: a exploração da temática proposta pela OLPEF pelas crônicas selecionadas; a apresentação da diversidade de crônicas no que concerne à sua autoria, ao movimento estético a que estão vinculadas, ao estatuto das práticas de letramento, ao suporte ou mídia em que circulam e às suas dimensões discursivas (propósito, conteúdo, estrutura e estilo). Os resultados indicam que a antologia da OLPEF representa a variedade de discursos cronísticos, porém não aborda o tema proposto.

Palavras-chave: Crônica. Gênero. Ensino da Língua Portuguesa. Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.

Abstract: The aim of this paper is to investigate the anthology of texts selected by the Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* [TN: Portuguese Language Olympiad *Writing the Future*] (OLPEF) to teaching the genre chronicle. We found theoretical support in the studies of Bakhtin ([1952-1953] 2016; [1934-1935] 2015; [1924] 2014), Cândido (1992), Sá (1997) and Bender & Laurito (1993) to present the constitution and characterization of this genre. Then we analyze the collection featured in the teaching materials of the 5th edition of OLPEF: the *Collection* (OLIMPÍADA, 2016) and the Teacher's Book *The occasion makes the writer* (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016a, 2016b). The specificities of the corpus require the call for references from Applied Linguistics, in line with bakhtinian postulates, such as Rojo (2009) and Dalvi (2013). The criteria that guide our analysis are: the exploration of the theme the OLPEF proposed by selected chronicles; and the presentation of the diversity of chronicles regarding authorship, the aesthetic movement to which it is linked, the status of literacy practices, the support or media in which it circulates and its discursive dimensions (purpose, theme, structure and style). The results indicate that the collection featured of OLPEF represents the variety of chronicle speeches, but does not include the proposed theme.

Keywords: Chronicle. Genre. Teaching the Portuguese Language. Portuguese Language Olympiad *Writing the Future*.

* Este artigo é uma versão adaptada de parte de um capítulo da minha tese de doutoramento (LUNA, 2019).

¹ Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Educação, Recife, PE, Brasil. Endereço eletrônico: simoes.luna@gmail.com.

Introdução

A Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* (doravante, OLPEF), mais do que uma competição ou concurso de redação, é considerado hoje o maior programa de formação de docentes de língua portuguesa das escolas públicas brasileiras. Fruto de uma parceria entre o Ministério da Educação e a Fundação Itaú Social, sob a organização do Centro de Estudos e Pesquisa em Educação e Cultura (CENPEC), a OLPEF tem dois propósitos centrais.

O primeiro é contribuir com a melhoria das práticas discentes de leitura e escrita, através de um concurso bianual de textos sobre o tema *O lugar onde vivo*, organizado em diferentes categorias por ano letivo (poemas, memórias, crônicas, documentário e artigo opinativo); e o segundo é promover a formação e a valorização de professores, mobilizando-os a ensinar a produção escrita por meio das sequências didáticas de gêneros textuais. Consideramos que o Programa tem efeito retroativo na escola, direcionando as práticas de ensino-aprendizagem de língua portuguesa a serem construídas em sala de aula, e, conseqüentemente, impactando na formação dos educandos.

A escolha de determinados textos pela OLPEF, para formar a antologia dos materiais didáticos, promove um efeito de modelização dos gêneros em estudo, levando os alunos a escreverem imitando o estilo desses exemplares para atender às demandas do concurso. Dentre os gêneros olímpicos, escolhemos a crônica por ser o único trabalhado no Ensino Fundamental (EF) e no Ensino Médio (EM), nas edições de 2010 a 2016, da OLPEF. O fato de ter se situado nos anos de transição entre essas duas modalidades de ensino, nono ano do EF e primeiro ano do EM, leva-nos a crer que esse gênero funciona como um meio de acesso para o estudo mais aprofundado da literatura.

Todos os gêneros do discurso sofrem um processo de didatização ao serem tomados como objetos de ensino da linguagem no espaço escolar, à exceção daqueles que constituem práticas de letramento tipicamente escolares, como o seminário, as anotações de aula e o resumo para o professor certificar-se da compreensão adequada do texto (KLEIMAN, 2007). E isso está longe de significar uma artificialização da literatura e das práticas de leitura e produção dos gêneros literários, pois as “situações didáticas não são mais artificiais que quaisquer outras, elas são apenas situações da instituição regularizadas. Essas regras estruturam relações, hierarquizam funções, selecionam universos de discurso, pré-constroem dispositivos; em suma, regulam as comunicações” (HALTÉ, [1998] 2008, p. 133).

Nesta pesquisa, analisamos como a OLPEF conduz a seleção das crônicas que vão compor seus materiais didáticos: o *Caderno do Professor A Ocasão faz o escritor*, que contém a sequência de atividades, nas versões impressa (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a) e virtual

(LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), e a *Coletânea* (OLIMPIÁDA, 2016) que a ele se vincula. Para tal, apoiamos-nos nos estudos de Bakhtin ([1934-1935] 2015; [1924] 2014), acerca do gênero romanesco, e em Candido (1992), em Bender e Laurito (1993) e em Sá (1997), acerca das particularidades da crônica. Com base nesses teóricos, fizemos uma breve exposição sobre a crônica enquanto um gênero do discurso.

Ancorados nas fontes acima e em autores que abordam as práticas de letramentos, como Cosson (2009), Rojo (2009) e Dalvi (2013), observamos se os materiais representam a pluralidade do universo de crônicas, no que concerne aos seguintes aspectos: aos escritores selecionados e aos movimentos estético-literários a que estão vinculadas; ao estatuto das práticas de letramento referenciadas (socialmente valorizados e estabelecidos no cânone; locais, vernaculares e marginalizados; ou críticos); aos tipos de suporte e de mídias em que circulam (inclusive, as modalidades e semioses apresentadas) e à sua dimensão discursiva (conteúdo temático, intuito discursivo, organização estilístico-composicional). Também observamos se a antologia de textos reverbera múltiplas vozes e pontos de vista sobre o tema proposto pela OLPEF e considera a diversidade sociocultural brasileira.

A crônica, brevíssima caracterização

“Se conto é tudo que chamamos conto, como dizia Mário de Andrade, tal definição se aplicava ainda, com mais propriedade, à crônica moderna.” (ANTOLOGIA, 1971, p. 9 *apud* OLIVAL, 2002, p. 36). Iniciamos com a citação da editora Sabiá que aponta a dificuldade de se definir, listar elementos característicos ou classificar o gênero. Bakhtin ([1952-1953] 2016) não era afeito às categorizações dos enunciados, nem à redução das múltiplas faces dos discursos a características pré-estabelecidas, o que configura uma visão imanentista da língua(gem) e dos gêneros. Tal visão é incompatível com as características constitutivas do enunciado propostas por ele, dentre elas, a flexibilidade, em especial, da crônica.

A leveza da crônica dissimula o intenso grau de sensibilidade e reflexão que ela pode gerar acerca do cotidiano. De um fato particular, comum ou inesperado, real ou fictício, o cronista extrai a matéria com que constrói sua obra e conduz o leitor a um novo olhar sobre seu entorno, mais amplo e universal. As crônicas formam-se na tensão entre as esferas jornalística e literária, incorporando e entrelaçando seus elementos, refletindo e refratando seu contexto de produção e recepção e suas finalidades discursivas, além de carregarem a memória do discurso historiográfico que as originou (SÁ, 1997). Desse embate, resultam crônicas ora mais intimistas e literárias, ora mais objetivas e jornalísticas.

Embora as crônicas guardem traços afins com os textos da imprensa, apresentam maior riqueza estilística e estrutural, isto é, maior plurivocalidade, variados tons emotivo-volitivos e organizações composicionais. Com base na leitura de Candido (1992), de Bender e Laurito (1993) e de Sá (1997), elencamos seus estilos mais recorrentes, enfocando a construção da forma arquitetônica (BAKHTIN, [1924] 2014), isto é, as relações valorativas que os cronistas estabelecem com o objeto temático e com os possíveis destinatários:

- (I) Lírico, quando registra o estado de espírito do narrador-cronista ante um fato, como *A arte de ser avó*, de Rachel de Queirós (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), que fala da emoção de reviver a maternidade sob outro ângulo.
- (II) Memorialístico, quando relata, de modo nostálgico ou pitoresco, um acontecimento do passado, como *Do rock*, de Carlos Heitor Cony (OLIMPÍADA, 2016, p. 11; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), em que o narrador retrata a chegada da sua filha à adolescência e as lembranças de sua própria juventude.
- (III) Filosófico, quando extrapola o cotidiano para alcançar um sentido mais amplo, uma meditação mais profunda sobre o dia a dia, como *Um Caso de Burro*, de Machado de Assis (OLIMPÍADA, 2016, p. 6-7; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a, p. 68-70; 2016b), que discute a subserviência e o conformismo, a partir das confissões, à beira da morte, da personagem-burro, que, além de símbolo de ignorância, serve como transporte aos humanos, sendo por eles depreciado e mutilado.
- (IV) Humorístico, quando faz graça com o cotidiano, como *Catástrofe*, de Luiz Vilela (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), que relata o diálogo de um casal, cujo marido detesta crianças, sobre a iminente e inesperada visita e hospedagem de uma amiga com seus sete filhos.
- (V) Argumentativo, quando ironiza ou critica as relações e os problemas sociais, como *Considerações em torno das aves-bala*, de Ivan Ângelo (OLIMPÍADA, 2016, p. 12-13; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), que denuncia a violência social ocasionada pelas balas perdidas e seus efeitos na vida das crianças.
- (VI) Narrativo, quando desenvolve um enredo e apresenta seus elementos bem definidos (complicação, personagens, tempo e espaço), como *A bola*, de Luís Fernando Veríssimo (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a, p. 96; 2016b), cujo conflito está na diferença de gerações entre o pai e o filho, o primeiro habituado a um brinquedo tradicional, a bola, enquanto seu filho prefere os eletrônicos.
- (VII) Mundano, quando traz comentários sobre hábitos e costumes característicos de um grupo social, como *Ser brotinho*, de Paulo Mendes Campos (OLIMPÍADA, 2016, p. 14-15; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), que retrata o comportamento dos jovens na década de 60.

Como então definir um gênero que se apresenta sob aspectos tão variados? Segundo Bakhtin ([1952-1953] 2016), é o querer discursivo, o propósito comunicativo, no âmbito de determinada esfera, que define sua natureza. O estatuto de genericidade da crônica reside na

visão do cronista ante um fato qualquer, colhido no noticiário ou nas experiências diárias, que proporciona ao leitor uma visão mais abrangente, além do fato: mostra-lhe, por outros ângulos, os sinais de vida que diariamente se deixam escapar.

Bakhtin ([1934-1935] 2015), em sua teoria do romance, propõe uma estilística dos gêneros que supera o divórcio entre o formalismo e o ideologismo e considera as vias sociais de acesso às obras. O autor confere um caráter social à análise do estilo do escritor ao compreender que a originalidade estilística reside na combinação de vozes, de estilos e de linguagens, conferindo peso à palavra do outro na constituição do romance. Bakhtin ([1934-1935] 2015, p. 29) entende o romance como um “heterodiscurso social artisticamente organizado”, noção com que podemos estudar todos os gêneros literários prosaicos e poéticos.

O discurso cronístico, tal qual o romance, é “pluriestilístico, heterodiscursivo e heterovocal” (BAKHTIN, [1934-1935] 2015, p. 27). Ou seja, ele pode apresentar-se por meio de diversos gêneros, discursos e estilos. Nessa ótica, a crônica é vista como um gênero constituído pelo heterodiscurso social, pelas linguagens da época. Os gêneros intercalados, a narração, as vozes das personagens, os discursos cotidianos e difusos socialmente que integram a crônica servem ao projeto axiológico-autoral do escritor e assinalam o caráter social de seu estilo (BAKHTIN, [1934-1935] 2015). Porquanto seja um gênero secundário, ela pode ser tecida por gêneros intercalados, como a biografia, o caso e o poema, e absorver gêneros primários, no caso, a conversa com o leitor, de modo coloquial.

Seguindo os caminhos trilhados pelo romance, que abalou os paradigmas da tradição clássica, a crônica vai de encontro à língua literária culta, oficialmente reconhecida e valorizada. Desenvolve-se a partir das forças criativas da língua, como uma das linguagens do heterodiscurso social que também se estratifica em outras linguagens (gêneros, registros, gerações etc.) e representa artisticamente os diálogos sociais entre elas (BAKHTIN, [1934-1935] 2015). Sua estrutura é bastante flexível e variável, o que se reflete nas múltiplas possibilidades de seleção lexical, de construção sintática e de composição.

Encontramos alguns exemplos dessas diversas modalidades estilístico-composicionais na coletânea olímpica: crônicas em forma de poemas, como *O amor acaba*, de Paulo Mendes Campos (OLIMPÍADA, 2016, p. 10; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a, p. 60; 2016b); crônicas em forma de diálogos, como *Cobrança*, de Moacyr Scliar (OLIMPÍADA, 2016, p.8; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a, p. 78-79; 2016b), e *Catástrofe*, de Luiz Vilela (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b); crônicas em forma de um texto de divulgação científica, como *Sobre a crônica*, de Ivan Ângelo (OLIMPÍADA, 2016a, p. 2-3; LAGINESTRA;

PEREIRA, 2016a, p. 18-19; 2016b)².

Quanto às personagens, a brevidade da crônica favorece a construção dos tipos, pois é preciso selecionar um fato ou uma personagem que reúna em si elementos suficientes para desencadear uma história e suscitar uma reflexão. Os tipos aparecem, sobretudo, nas crônicas humorísticas que se valem das caricaturas para debochar das convenções sociais, para fazer crítica social ou ironizar o sofrimento (SÁ, 1997). Seu espaço privilegiado é o urbano, mas também há crônicas ambientadas na zona rural, que recordam a infância e o passado, se bem que o regional não apareça em primeiro plano.

Em suma, a liberdade criativa da esfera literária confere à crônica a possibilidade de apresentar-se sob variadas formas arquitetônicas – lírica, filosófica, memorialística, humorística, argumentativa, mundana, narrativa –, que expressam a relação valorativa do cronista com o objeto de sentido. Tais formas podem concretizar-se em diferentes organizações estilístico-composicionais, pois elas podem ser construídas a partir de outros gêneros, ser narradas em primeira ou terceira pessoa e usar registro mais ou menos formal.

Vale salientar que a crônica transita entre a esfera literária e a jornalística, a depender do seu suporte de publicação e circulação, que pode ser um livro, um jornal, uma revista, uma página de Internet, um blogue ou até mesmo um microblogue, como o *Twitter*. A influência da esfera jornalística faz-se notar na tendência aos temas do cotidiano, ao registro coloquial, à conversa com o leitor, aos personagens tipo e ao espaço urbano.

A seleção de textos e cronistas

Ao longo das quatro edições em que a crônica integrou o rol dos gêneros olímpicos, a OLPEF manteve basicamente a mesma coletânea, acrescentando a partir de 2016 novos textos. A maioria dos textos que integram essa antologia são autênticos, integrais³, contemporâneos, se apresentam na modalidade verbal escrita e na variedade culta da língua portuguesa. Fazendo jus ao objetivo geral do Programa, o gênero crônica compõe quase a metade da coletânea.

A antologia explora, em certa medida, o que a cultura letrada oferece aos jovens do final do Ensino Fundamental e início do Ensino Médio, pois traz obras de escritores contemporâneos,

² Aos perfis dantes traçados, podemos acrescentar o metalinguístico, que contempla crônicas que tematizam seu próprio fazer, o processo de elaboração e publicação da obra, o conceito e as características do gênero. *Sobre a crônica*, de Ivan Ângelo (OLIMPÍADA, 2016, p. 2-3; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a, p. 18-19; 2016b) apresenta-se com esse perfil, pois assemelha-se a um ensaio acadêmico, repleta de citações de vozes alheias, costurando tentativas de definir o gênero a fim de construir sua própria noção de crônica.

³ Os textos, quando fragmentados ou adaptados, em geral, mantêm unidade de sentido e trazem indicação de cortes, estando adequados aos objetivos pedagógicos das atividades, como as aberturas das crônicas de alunos e de escritores, na Oficina 8 do *Caderno do Professor* (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016a, p.94-96, 2016b), que são tomadas para análise da adequação do parágrafo introdutório ao gênero e produção de novos textos.

aclamados pela crítica e pelo público, como Luís Fernando Veríssimo e Milton Hatoum, e de autores representativos de determinados movimentos estéticos, como José de Alencar (Romantismo), Machado de Assis (Realismo) e Rachel de Queirós (Modernismo). Assim, contribui indiretamente com a formação inicial do leitor de literatura, um dos pilares do Ensino Fundamental, ao passo que dialoga com o ensino sistemático da cultura literária realizado no Ensino Médio⁴ (COSSON, 2009; DALVI, 2013).

A coletânea também colabora com o ensino de língua portuguesa, na medida em que representa a pluralidade do gênero do ponto de vista linguístico (variedade ou registro), textual (organização estilístico-composicional) e discursivo (abordagem temática, tom emotivo-volitivo e intuito discursivo). De fato, podemos dizer que as crônicas da coletânea, em seu conjunto, revelam o heterodiscurso (BAKHTIN, [1934-1935] 2015), pois foram produzidas em diferentes momentos históricos, representando a linguagem de diversas épocas e contextos.

As crônicas brasileiras do século XIX – *Falemos das flores*, de José de Alencar, *Rua do Ouvidor*, de Joaquim Manoel de Macedo, e *Um caso de burro*, de Machado de Assis – fazem uso de: a) gírias da época, como *tigre* (termo usado para se referir ao escravo condutor do barril ou ao próprio barril que continha os dejetos domésticos a serem jogados nas praias ou nos rios) e *cavaco* (irrita-se ou zangar-se.); b) expressões arcaicas, como *sem tir-te nem guar-te* (sem aviso prévio) e *tílburi* (carruagem de tração animal); c) construções rebuscadas, como o pronome *vós*, a colocação pronominal enclítica e o uso, inclusive, de expressões em latim, em inglês, em italiano e em francês, revelando o *campo aperceptivo comum* (BAKHTIN, [1952-1953] 2016) que escritores e leitores compartilhavam de uso e de valorização das línguas consideradas de cultura nessa época⁵.

De acordo com Bakhtin ([1953-1953] 2016), é o outro que orienta a seleção de itens lexicais e gramaticais, pois a expressividade do enunciado é sempre a manifestação de uma resposta a outrem, seja às enunciações anteriores que versam sobre o mesmo objeto temático, seja ao destinatário. Logo, é em função do público-leitor da época, a que as crônicas estão endereçadas, que os escritores fazem uso desses termos. Considerando ainda que a seleção dos

⁴ Segundo Cosson (2009), a crônica é um dos gêneros prediletos das antologias escolares, por ser curto, fácil e divertido. É louvável que a OLPEF fuja do estereótipo de selecionar as crônicas por essas razões e reúna uma coletânea que tenta atender ao princípio de que a “literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo.” (COSSON, 2009, p.20). No entanto, não explica o porquê da seleção desta ou daquela crônica, pouco favorecendo a aproximação gradual do aluno ao gênero, conforme o princípio da sequência didática.

⁵ O campo aperceptivo refere-se à presunção de conhecimentos, de valores e de posições do destinatário, o que condiciona a construção de um enunciado prenhe de respostas, antecipando a compreensão responsiva do outro (BAKHTIN, [1934-1935] 2016). No caso, a crônica de Alencar faz referência a escritores (Dante, Alexandre Dumas, George Sand) e a óperas (*Norma* ou a *Fidanzata Corsa*), pressupondo um leitor com prévio conhecimento literário e artístico.

recursos linguísticos é uma das marcas da relação valorativa ativa que o sujeito estabelece com o conteúdo semântico do discurso e com os demais participantes da comunicação discursiva (BAKHTIN, [1952-1953] 2016), a escolha desses termos implica certo elitismo e complexo de colonizado, por se atribuir maior valor à língua alheia que à nacional:

Quando passei do **tílburi** ao bonde, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; **deixava-me estar** aguardando autoridade. (...) Sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de século. **Requiescat in pace**. (ASSIS in OLIMPÍADA, 2016, p.7; LAGINESTRAS; PEREIRA, 2016a, p. 69; 2016b, grifos nossos)

Ilustra o uso da variação regional ou diatópica a crônica *O português diferente de cada um*, de uma aluna semifinalista, que traz o vocabulário específico de estados do Brasil (LAGINESTRAS; PEREIRA, 2016b). A valoração dos diferentes falares regionais visa a cativar os destinatários a que ela se endereça, em primeira instância: avaliadores e alunos participantes do encontro regional da OLPEF, oriundos de todas as regiões do país. Portanto, a entonação expressiva, o tom emotivo-volitivo que a autora imprime no discurso cronístico, decorre das relações estabelecidas no fluxo discursivo, da avaliação e das respostas presumidas do outro (BAKHTIN, [1952-1953] 2016).

Embora as crônicas obedeçam às normas gramaticais vigentes, algumas materializam a variação sociocultural e estilístico-situacional da língua, mobilizando expressões populares ou cotidianas. Na ótica de Bakhtin ([1934-1935] 2015), esse gênero constitui-se a partir das forças centrífugas da língua, por absorver o vocabulário das ruas, o estilo íntimo e familiar. Exemplo disso é *Peladas*, de Armando Nogueira, que incursiona no campo lexical futebolístico: “*Racha* é assim mesmo: tem *bico*, mas tem também *sem-pulo* de craque como aquele do Tona, que empatou a *pelada* e que lava a alma de qualquer bola. *Uma pintura*.” (OLIMPÍADA, 2016, p. 9; LAGINESTRAS; PEREIRA, 2016a, p. 55; 2016b, grifos nossos)⁶.

A coletânea também apresenta crônicas que investem em diálogos ficcionais ou na fala cotidiana, materializando a variação de registro por meio de expressões coloquiais: “ficavam quase a ‘se morder de inveja’” e “Esses ficavam de ‘queixo caído’”, de *A oriental de natal* (LAGINESTRAS; PEREIRA, 2016b); “não gosto de ser *botado* preso dentro de curral”, de *Catadores de tralhas e sonhos* (OLIMPÍADA, 2016, p. 17; LAGINESTRAS; PEREIRA, 2016b,

⁶ A compreensão desse enunciado requer o conhecimento prévio das gírias futebolísticas em uso: *racha* indica qualquer partida de rua, uma *pelada*; *bico*, uma jogada ou gol feio; *sem-pulo*, uma forma difícil de fazer o gol; e *uma pintura*, uma expressão entusiástica para se referir a um belo gol.

grifos nossos). O registro, ou o tom mais coloquial, característico do gênero, encontra-se em todas as crônicas desta coletânea, inclusive nas obras dezenovistas, seja no diálogo com o leitor, seja nas ironias e nas críticas do narrador ou das personagens.

Essa pluralidade de vozes e de estilos é um traço das obras literárias movidas pelas forças centrífugas da língua, nos dizeres de Bakhtin ([1934-1935] 2015). De acordo com o autor, são obras que representam o heterodiscurso de modo dialógico e se recusam a ser uma expressão do discurso direto do autor apenas, descentralizando o universo verbo-ideológico. O autor-criador refrata seu ponto de vista não só através do discurso do narrador, mas também das personagens, representando o discurso de outrem em linguagem de outrem (BAKHTIN, [1934-1935] 2015).

Assim como são heterogêneas linguisticamente, as crônicas desta coletânea abordam temas diversos com variados intuitos discursivos, mesclam distintas formas composicionais e estilos, entrelaçando diferentes tons emotivo-volitivos (BAKHTIN, [1952-1953] 2016). Nos termos de Bakhtin ([1952-1953] 2016), o intuito discursivo ou querer dizer implica a escolha de um gênero e de uma entonação expressiva, que expressa a relação do locutor com o conteúdo temático do discurso, manifestando seu posicionamento axiológico.

É com base nessa relação, ou melhor, no tom emotivo-volitivo que a define e, por conseguinte, singulariza o gênero, assim como na tentativa de sistematização dos perfis de crônicas, realizada na seção anterior, que caracterizamos as crônicas reunidas pela OLPEF para compor sua antologia didática em 2016⁷. Dos perfis dantes expostos, iniciemos pelo lírico. Além de *A arte de ser avó*, de Rachel de Queirós (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), já mencionada, podemos observar a natureza lírica das crônicas *O amor acaba*, de Paulo Mendes Campos (OLIMPÍADA, 2016, p. 10; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a, p. 60; 2016b), *Pavão*, de Rubem Braga (OLIMPÍADA, 2016, p. 16; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), e *História de Pescador*, de Gean Mota (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b).

Dentre elas, destacamos *O amor acaba*. O caráter poético faz-se notar pela singularidade de sua construção: escrita em um único parágrafo, a crônica é dividida em dois períodos, *O amor acaba* e uma longa sequência narrativo-descritiva de situações que fazem o amor acabar, estruturadas por meio de construções paralelísticas. O começo e o desfecho da crônica são marcados pela frase-título, realçando o intuito do autor de refletir sobre o término das relações

⁷ Das nove (9) crônicas que aparecem de modo fragmentado no *Caderno do Professor*, três (3) são reproduzidas na íntegra no Caderno Virtual, sendo aqui consideradas: *A bola*, de Luís Fernando Veríssimo, *Cajueiro*, de Rubem Braga, e *São Paulo: as pessoas de tantos lugares*, de Milton Hatoum. As outras seis (6) são recortadas em um parágrafo cada impossibilitando a análise de seus aspectos textuais e discursivos.

afetivas. A dialogicidade está inscrita na composição cronística, que se constitui a partir da intercalação do gênero poema (BAKHTIN, [1934-1935] 2015).

O lirismo também se revela em crônicas que se misturam com outros tons, como *Falemos das flores*, de Alencar (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), cuja parte inicial toma as flores como metáforas para descrever pessoas e coisas, inclusive a própria vida, e, depois, ironiza o comportamento e a falsa erudição do público carioca que frequenta as óperas e espetáculos teatrais, aproximando-se do estilo de uma crônica mundana. Segundo Bakhtin ([1934-1935] 2015), o escritor pode assumir distintas posições quanto ao objeto temático por meio da introdução do discurso do outro (narrador, personagens e gêneros intercalados). Por isso, a crônica pode ser permeada por diferentes entonações expressivas.

Catadores de tralhas e sonhos, de Milton Hatoum (OLIMPÍADA, 2016, p. 17; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), incursiona pelo tom lírico ao abordar um tema mundano: o cotidiano dos catadores de rua. O intuito dessa crônica centra-se no olhar singelo do narrador-personagem para a história de um catador que não conseguia encontrar seu sonho no meio das tralhas. Este é um exemplo da flexibilidade, ou melhor, da relativa estabilidade do gênero (BAKHTIN, [1952-1953] 2016), mesclando diferentes tons em sua composição.

O perfil mundano é encontrado ainda em *Ser brotinho*, de Paulo Mendes Campos (OLIMPÍADA, 2016, p. 14-15; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), conforme já explicitamos, e em *Quem tem medo de mortadela*, de Mário Prata (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016b), que ironiza os hábitos gastronômicos elitistas dos brasileiros de classe média e alta por preferirem os produtos importados aos nacionais, como a cachaça e a mortadela. Publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, essa crônica estabelece uma relação irônica com seu público-leitor. Observamos aqui a importância do momento histórico-social (cronotopo) e do campo aperceptivo (BAKHTIN, [1952-1953] 2016), que se refletem em um posicionamento axiológico distinto das obras dezenovistas que enalteciam as línguas estrangeiras.

Com perfil memorialístico, apresentam-se as versões da crônica de Mariana Camargo (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a, p. 45; p. 120-121; 2016b), *O cajueiro*, de Rubem Braga (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), e *O português diferente de cada um*, de Ana Pelegrino (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), afora *Do rock* (OLIMPÍADA, 2016, p. 11; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), já explicitada. Destacamos *O cajueiro*, que conta as reminiscências da infância do narrador, suscitadas por uma carta de sua irmã noticiando a queda e morte da árvore. Essa posição narrativa, marcada pelo foco narrativo em primeira pessoa e pelo tom saudosista, pode produzir o efeito de espelhamento entre narrador e escritor.

No entanto, é por estar externo que este confere a unidade e o acabamento dos valores

cognitivos e éticos (conteúdo) e da forma estética em um determinado material literário e artístico (BAKHTIN, [1924] 2014). O escritor situa-se na exterioridade, posição a partir da qual ele “compreende o sentido axiológico daquilo que se realiza” e participa da configuração artística de modo indireto (BAKHTIN, [1924] 2014, p. 36), sendo essa relação axiológica do escritor com a personagem uma das muitas possíveis em determinado momento histórico.

A discussão de problemas sociofilosóficos permeia, além das obras *Um caso de burro*, de Machado de Assis (OLIMPÍADA, 2016, p. 6-7; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a, p. 71-72; 2016b), e *A última crônica*, de Sabino (OLIMPÍADA, 2016, p. 4-5; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a, p. 32; 2016b), já comentadas, *Considerações em torno das aves-balas*, de Ivan Ângelo (OLIMPÍADA, 2016, p. 12; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b). A posição axiológica dessa crônica é marcada pelos elos que ela estabelece com outras vozes no fluxo discursivo (BAKHTIN, [1952-1953] 2016), especialmente com os discursos noticiosos que naturalizaram o uso de “bala perdida”. A obra questiona o sentido dessa expressão e denuncia a cultura da violência e das armas de fogo, assumindo, assim, um teor crítico-argumentativo.

A argumentação é o tom predominante das crônicas *São Paulo: as pessoas de tantos lugares*, de Milton Hatoum (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016b), e *Conformados e realistas*, de Tostão (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016b). Porém, esta mais se assemelha a um artigo de opinião que a uma crônica, pois seu acabamento específico é determinado pela vontade discursiva e pelas formas típicas de conclusibilidade daquele gênero (BAKHTIN, [1952-1953] 2016). O texto possui o intuito de criticar o chamado futebol de resultados e encerra conclamando Felipão a voltar a ser técnico da seleção brasileira. Consideramo-la como uma crônica esportiva (SÁ, 1997), ou um artigo opinativo sobre futebol, em função do estilo jornalístico e da organização argumentativa do texto.

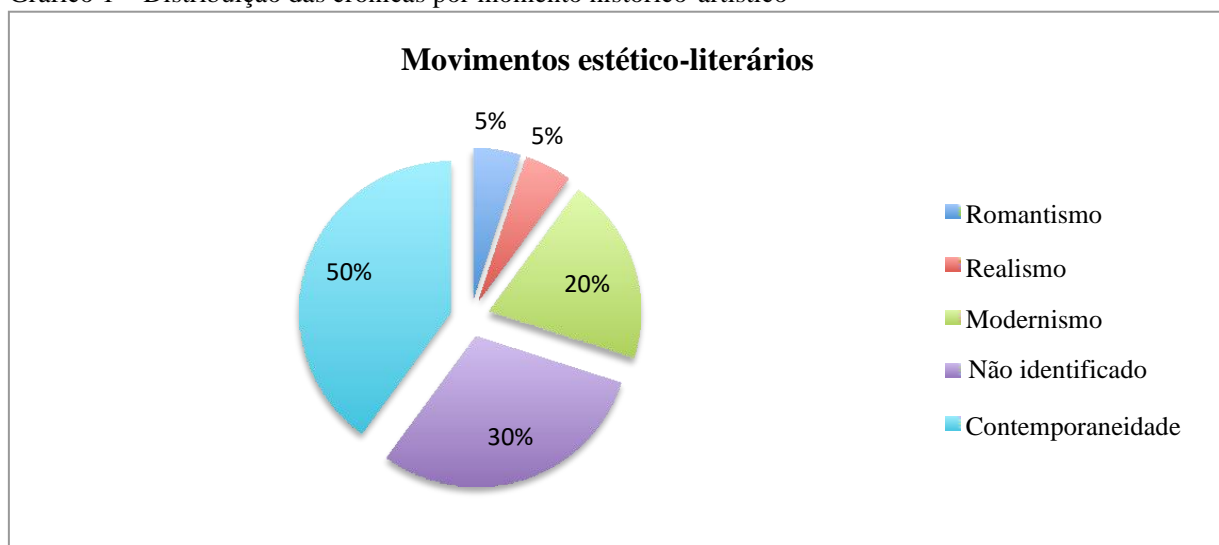
O perfil humorístico é central nas crônicas *Catástrofe*, de Luiz Vilela, já mencionada (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), *Cobrança*, de Moacyr Scliar (OLIMPÍADA, 2016, p. 8; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a, p. 78-79, 2016b), e *Rua do Ouvidor*, de Macedo (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b). Assim como *Catástrofe*, o humor de *Cobrança* é construído a partir da forma composicional dialogada, em que “a alternância dos sujeitos do discurso” (as personagens) (BAKHTIN, [1952-1953] 2016, p. 29) retrata os conflitos domésticos de um casal.

Por fim, ressaltamos as crônicas cujo caráter narrativo é posto em realce, pelo desenvolvimento do enredo. Além de *A bola*, de Luís Fernando Veríssimo (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), já indicada, são dessa natureza as crônicas humorísticas *Catástrofe* (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b) e *Cobrança* (OLIMPÍADA, 2016; p. 8; LAGINESTRA;

PEREIRA, 2016a, p. 78-79; 2016b), a crônica filosófica *Um caso de burro* (OLIMPIÁDA, 2016, p. 6-7; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a, p. 71-72; 2016b) e a lírico-mundana *Peladas* (OLIMPIÁDA, 2016, p. 9; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a, p. 55; 2016b). Mais exemplos de que os tons emotivo-volitivos da crônica são variados e podem se misturar em sua construção (BAKHTIN, [1952-1953] 2016).

Do mesmo modo que é variável quanto às suas dimensões discursivas, a coletânea é representativa e diversificada do ponto de vista estético-autoral, o que é atestado pelo Gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1 – Distribuição das crônicas por momento histórico-artístico



Fonte: elaborado pela autora (2019).

Em relação aos movimentos estético-literários, há um predomínio de crônicas contemporâneas, produzidas entre os anos 80 e os dias atuais. Ocupam cinquenta por cento (50%) do total, ou seja, dezesseis (16) textos no universo de trinta e dois (32), número distribuído equitativamente entre os escritores selecionados. Cada um é representado por um (1) ou dois (2) textos, em média: Ivan Ângelo (2), Milton Hatoum (2), Moacyr Scliar (1), Carlos Heitor Cony (1), Mário Prata (1), Tostão (1), Luís Fernando Veríssimo (3), Luiz Vilela (1), Ana Pelegrino (1), Gean Mota (1), Emily Assis (1) e Fernando Sabino (1).

Acreditamos que a seleção majoritária de textos da literatura contemporânea, incluindo a de três crônicas de alunos semifinalistas da edição de 2012, reflita a preocupação da OLPEF de conquistar os estudantes pouco familiarizados com a leitura de textos literários e até mesmo aqueles que já cultivam o hábito da leitura, favorecendo o letramento literário (COSSON, 2009; DALVI, 2013) e aproximando-se das práticas letradas vivenciadas por eles (ROJO, 2009). As crônicas escolhidas dialogam com os temas correntes na atualidade e fazem uso de uma

linguagem próxima à do universo discente. Essa estratégia também pode funcionar com os professores, atraindo aqueles com pouco hábito e tempo disponível para literatura.

As crônicas contemporâneas são seguidas pelas crônicas cuja autoria e/ou período histórico-artístico de produção não foi indicado nos materiais didáticos. Estas ocupam aproximadamente dezenove por cento (19%) do total, ou seis (6) textos no universo de trinta e dois (32). São elas: três (3) versões da mesma crônica da aluna Mariana Camargo (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a, p. 45; p. 102-121; 2016b); e três (3) excertos de crônicas produzidas por alunos não identificados (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a, p. 94-95; 2016b).

São alunos provavelmente hipotéticos, cujos textos foram fabricados pelas próprias autoras do material didático, como pretexto para realização das atividades. Apesar da qualidade da antologia ser atestada, uma vez que a maioria das crônicas são autênticas e integrais, a presença de tais textos é um contrassenso em um Programa que pretende promover o letramento e a cultura escrita nas escolas. Eles não se vinculam a uma esfera ou campo da atividade humana, logo não se inscrevem no fluxo discursivo, não possuem destinatário, nem autoria. E sem a vontade discursiva do sujeito que define a natureza do gênero (BAKHTIN, [1952-1953] 2016), podemos questionar se, de fato, tais textos materializam uma crônica.

Logo após os textos cuja autoria e momento histórico-artístico de produção não são identificados, aparecem as crônicas modernas, perfazendo aproximadamente vinte e dois por cento (22%) do total, ou seja, sete (7) textos no universo de trinta e dois (32), os quais também se encontram distribuídos entre diferentes escritores: Fernando Sabino (1), Paulo Mendes Campos (2), Rubem Braga (2), Armando Nogueira (1), Rachel de Queirós (1)⁸. Sabino inscreve-se tanto no rol dos cronistas modernos, quanto no dos contemporâneos, pois é representado por uma crônica de 1965 e por outra de 1985. Entendemos como modernas as crônicas produzidas entre os anos de 1945 e 1980⁹, período correspondente à terceira fase do Modernismo Brasileiro e, inclusive, ao estabelecimento da crônica enquanto gênero literário.

É possível que o número significativo de cronistas modernos ateste o compromisso com textos cuja variedade linguística seja mais próxima da realidade brasileira e com a busca das forças vivas da língua (BAKHTIN, [1934-1935] 2015). As crônicas, tais quais os romances (BAKHTIN, [1934-1935] 2015), representam o real funcionamento da linguagem, tomando como material o sujeito que fala e aquilo que ele fala. Sua expressividade (BAKHTIN, [1952-

⁸ Sentimos a falta de outros escritores, como Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. É possível que a dificuldade com a cessão de direitos autorais tenha impedido o Cenpec de selecionar outros cronistas.

⁹ Também são modernas as crônicas produzidas entre os anos da primeira (1922 e 1930) e da segunda (1930 e 1945) fase do Modernismo Brasileiro. Porém, não constam na antologia da OLPEF 2016.

1953] 2016) reside, portanto, na posição ativa e valorativa dos escritores diante dos elementos cotidianos e populares e dos diversos falares.

Por fim, em número bastante reduzido, encontram-se as crônicas românticas e realistas, perfazendo nove por cento (9%) do total, isto é, três (3) textos no universo de trinta e dois (32). São representativas do surgimento da crônica no Brasil e demarcam a sua mutação para um formato mais próximo dos dias atuais: Alencar e Macedo escrevem textos de maior extensão sobre vários assuntos (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), já Machado é um pouco mais sucinto e desenvolve um tema específico na crônica *Um caso de burro* (OLIMPIÁDA, 2016, p. 6-7; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a, p. 71-72; 2016b). Trazem à tona, portanto, a memória discursiva historiográfica do gênero (SÁ, 1997; BENDER; LAURITO, 1993).

Outro aspecto observado é que a OLPEF privilegia crônicas do rol seletivo de escritores que têm suas obras publicadas por editoras consolidadas e/ou colunas fixas em revistas, *sites* ou jornais. Todos os autores selecionados são nacionais, oriundos do centro-sul do país¹⁰ ou, quando não, fizeram carreira nessa região, como a cearense Rachel de Queirós e o acreano Armando Nogueira, que fixaram residência no Rio de Janeiro, e o manauara Milton Hatoum, que emigrou para São Paulo. Porém, nem mesmo as crônicas desses três escritores contemplam a diversidade regional e sociocultural brasileira. Elas abordam temáticas de cunho socioafetivo mais amplo, e uma delas trata da vida paulistana.

A coletânea, portanto, põe em realce os letramentos dominantes, globais e socialmente valorizados, em detrimento dos letramentos locais, vernaculares e marginalizados¹¹, mais críticos, plurais e democráticos (ROJO, 2009), aqui representados, de certo modo, apenas pelas vozes dos alunos semifinalistas, motivadas pelas fotografias que eles produziram em um passeio educativo na cidade de Natal¹². Se, por um lado, essa estratégia cria uma aproximação entre o público-alvo, docente e discente, com a cultura letrada oficial, por outro, deixa a desejar quanto

¹⁰ Do Rio de Janeiro, Machado de Assis, José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo e Carlos Heitor Cony. De Minas Gerais, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Luiz Vilela, Ivan Angelo, Mario Prata e Tostão. Do Rio Grande do Sul, Luís Fernando Veríssimo e Moacyr Scliar.

¹¹ A inserção desses letramentos não se confunde com a postura relativista denunciada por Osakabe (2005) de trabalhar obras digeríveis, de leitura mais fácil, ou ainda outras manifestações culturais (HQ, rap, canção) em detrimento da literatura. Rojo (2009) propõe ampliar a seleção do *corpus* tido como legítimo e provocar o diálogo entre distintas manifestações culturais, a fim de diversificar as vozes que ingressam no espaço escolar e problematizá-las. Nessa mesma linha, Dalvi (2013) argumenta que é preciso democratizar as aulas de literatura, buscando pontos de contato entre as formas literárias e artísticas populares e de massa (filmes, canções etc.) com a dita *alta literatura*. Entendemos que essa pode ser uma estratégia, inclusive, de conquista e adesão dos alunos pouco afeitos à literatura, o que não prescinde do contato com a obra literária (e com o cânone) e do esforço necessário dos alunos para dela se apropriarem criticamente. Cabe à escola propiciar essa experiência e levá-los a defrontar-se com a singularidade da escrita literária.

¹² Fazemos essa ressalva porque as crônicas estudantis selecionadas para compor essa antologia foram julgadas adequadas pela equipe da Programa e tornadas modelares, ou seja, recomendadas como exemplares do gênero, ao serem inscritas no Caderno Virtual (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b).

à representação mais plural, crítica e democrática do universo cronístico.

De acordo com Dalvi (2013, p. 74),

[...] no Ensino Médio, supostamente, o adolescente ou jovem deveria ter acesso aos 'clássicos' (nacionais ou não) e, paralelamente, à literatura que corre à margem do cânone, renovando-o ou subvertendo-o, ampliando seu repertório e refinando seu grau de compreensão e seu nível de exigência – e, noutra perspectiva, relativizando-o – como leitor (e, quem sabe, como produtor). (DALVI, 2013, p. 74)

A escolha privilegiada de crônicas que integram a cultura dominante (ROJO, 2009) também se evidencia pelo tipo de suporte de produção e circulação a que elas estão vinculadas. Boa parte das crônicas – dezesseis (16) ou cinquenta por cento (50%) do total – foram publicadas em livros de antologias, ou seja, passaram pelo crivo do próprio escritor ou do organizador da obra, da editora e, talvez, da crítica literária especializada, tendo sua qualidade reconhecida e atestada. De acordo com Sá (1997), nesse suporte, elas perdem a nota de transitoriedade, superando o momento circunstancial, o fato e o leitor contemporâneos.

Numa abordagem bakhtiniana, podemos dizer que a publicação em livros permite maior circulação na esfera literária, assegura sua permanência e garante o fio dialógico com o superdestinatário (BAKHTIN, [1952-1953] 2016), bem como seu valor na posteridade. Sá (1997) explica que os críticos passam a dar maior atenção ao gênero, quando publicado no formato livro, pois é um trabalho árduo para o estudioso resgatar todos os exemplares de um certo autor nas edições dispersas do jornal e, acrescentamos, em páginas da Internet. Os livros funcionam, portanto, como uma espécie de filtro da qualidade literária dos textos.

Outra parte significativa da coletânea tem como suporte original de publicação e circulação os materiais didáticos da OLPEF, sendo, portanto, legitimada desde sua concepção pela própria instância que procede à organização da seleção textual e cronística. Dez (10) ou cerca de 31% do total são construídas artificialmente para esses materiais, no caso, as introduções de crônicas de alunos não identificados (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a, p. 94-95; 2016b), ou para atividades olímpicas, tais quais as crônicas de Mariana Camargo (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a, p. 45; p. 120-121; 2016b) e dos alunos semifinalistas (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b). Há ainda a versão em vídeo de *Catástrofe*, de Luiz Vilela (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), sem quaisquer indicações de suporte ou autoria¹³.

¹³ Em consulta ao *Youtube*, descobrimos que a adaptação foi realizada pela equipe do Portal Escrevendo o Futuro e pelo LR Estúdio para uma atividade proposta no número 22 da revista *Na Ponta do Lápis*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FBMbB1dRA4Q>. Acesso em: 28 mai. 2018.

Em número significativamente menor, cinco (5) ou aproximadamente 16 por cento (16%) do total, aparecem as crônicas publicadas na mídia impressa, que talvez tenham sido buscadas nesses veículos por sua contemporaneidade. Se bem que o jornal tenha sido um dos principais difusores desse gênero, ele é pouco utilizado para compor a coletânea da OLPEF. De acordo com Sá (1997), a crônica assume um caráter fugaz e descartável nesse veículo, devido à maior rapidez no consumo de informações; além disso, seu público é mais amplo e diversificado que o dos livros de literatura, sendo difícil atender às suas expectativas.

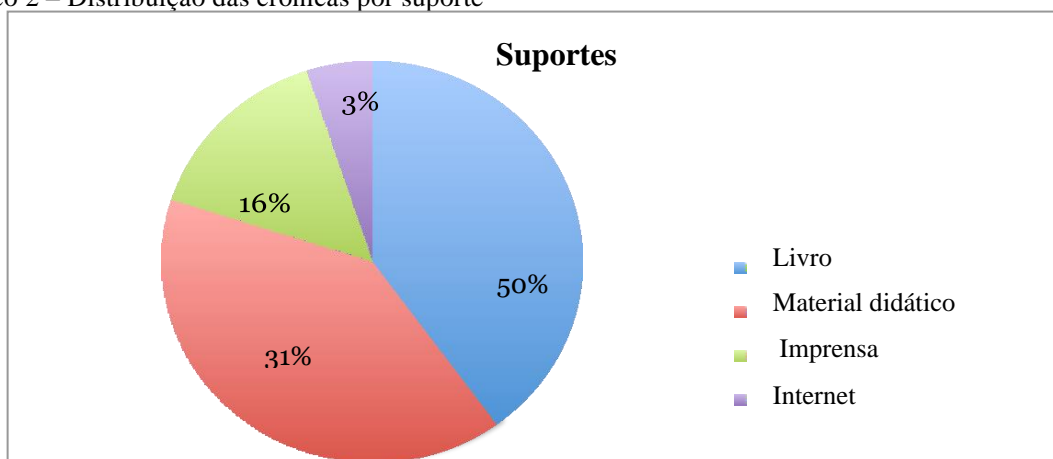
Podemos fazer avaliação similar em relação à Internet, pois é provável que a OLPEF tenha optado pelas crônicas publicadas em livros, devido ao seu caráter perene e à sua qualidade literária, atestada e reconhecida pelos editores, autores e organizadores das obras que as selecionaram, sabendo que seriam lidas independentemente do contexto imediato de produção¹⁴.

Embora o universo digital seja propício à circulação desse gênero e facilite a divulgação de novos autores e de vozes dissonantes da cultura letrada oficial, como alerta Rojo (2009), acionando o direito à expressão, tão defendido por Geraldi (2010), a OLPEF apresenta apenas uma crônica veiculada nesse domínio, *Um caso de burro*, de Machado de Assis (OLIMPÍADA, 2016, p. 6-7; LAGINESTRAS; PEREIRA, 2016a, p. 71-72; 2016b), que perfaz em torno de três por cento (3%) do total.

A parca presença da cultura digital leva-nos a inferir que, apesar da preocupação em trazer textos contemporâneos, próximos do universo estudantil, reverberam ainda, no discurso didático da OLPEF, os ecos da tradição escolar que valoriza, sobretudo, o escrito e o impresso e os juízos de valor conservadores acerca do uso da Internet na escola. Ou seja, as forças centrípetas de unificação e centralização do pensamento verbo-ideológico (BAKHTIN, [1934-1935] 2015), que tentam controlar os sentidos dos dizeres e evitar a dispersão enunciativa, protegendo-os contra a força do heterodiscurso social e favorecendo uma recepção passiva, monovocal e monológica das crônicas por parte dos docentes e discentes. Vejamos a distribuição das crônicas por suporte de produção e circulação no Gráfico 2:

¹⁴ As antologias oferecem ao público a possibilidade de uma experiência de leitura diferente da realizada no jornal ou na Internet, pois têm reunidas várias crônicas de um mesmo autor ou de autores diferentes, a depender do critério usado para compor a obra (tema, época, linguagem, autor, suporte original). Assim, o leitor geralmente mais apressado do jornalismo impresso ou digital pode se tornar mais reflexivo e atento às configurações estéticas na leitura do livro.

Gráfico 2 – Distribuição das crônicas por suporte



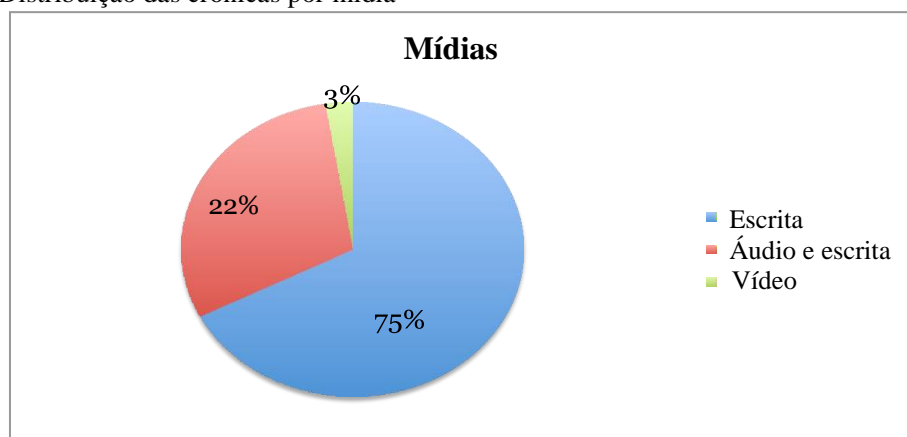
Fonte: elaborado pela autora (2019).

Por fim, no que tange à fidelidade, observamos que os textos selecionados sofrem modificações de diagramação, de leiaute e de formatação, de sequenciação e disposição na página, ao serem transpostos para a Coletânea (OLIMPIÁDA, 2016) e para o *Caderno do Professor*, impresso e virtual (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016a; 2016b), à revelia do tipo de suporte no qual foram encontrados. As crônicas veiculadas em Internet e em jornais não evidenciam características desses veículos de comunicação em nenhum dos materiais.

Também as crônicas oriundas de antologias sofrem alterações: *Considerações em torno das aves-bala*, de Ivan Angelo (OLIMPIÁDA, 2016, p. 12; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), e *Pavão*, de Rubem Braga (OLIMPIÁDA, 2016, p. 16; LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), passam a ser acompanhadas por fotografias de Paulo Riscala, produzidas especificamente para esses materiais. Embora as adaptações realizadas para atender aos objetivos das atividades não prejudiquem a leitura das crônicas, modifica-se seu modo de leitura, pois, como alerta Sá (1997), a recepção da crônica, pelo mesmo público, é distinta, quando se trata do formato livro e de outro suporte. Em termos bakhtinianos, a transposição da crônica para outra esfera discursiva implica novas formas de produção e recepção do gênero.

Fazendo jus ao tipo de suporte predominante, o Gráfico 3 aponta a veiculação massiva das crônicas por meio da mídia escrita:

Gráfico 3 – Distribuição das crônicas por mídia



Fonte: elaborado pela autora (2019).

Apesar da incursão no universo multimodal e hiperssemiótico com a publicação de materiais digitais, como o Caderno Virtual, à luz da pedagogia dos multiletramentos e dos letramentos múltiplos (ROJO, 2009), há uma predominância de textos escritos. Salvo a versão em vídeo *stopmotion* da crônica de Luiz Vilela (LAGINESTRA; PEREIRA, 2016b), que representa cerca de três por cento (3%) do total, todos os textos são apresentados na mídia impressa, sendo que uma parte das crônicas – sete (7) ou em torno de vinte e dois por cento (22%) do total – são veiculadas por meio de áudio e escrita, e a maioria – vinte e quatro (24) ou setenta e cinco por cento (75%) do total – apenas por meio da escrita.

Com base em nossa análise, observamos ainda que a temática proposta – *O lugar onde vivo* – não foi o critério adotado para a seleção textual, dada a diversidade de assuntos tratados: amor (*O amor acaba, Pavão*), geração juvenil (*Do rock, Ser brotinho, A bola*), conflitos domésticos (*Cobrança, Catástrofe*), gênero crônica (*Sobre a crônica*), entre outros. Poucos textos abordam algum aspecto do tema proposto ou fazem alusão a ele, tomando-o como mote para narração de alguma experiência, como *Peladas*, de Armando Nogueira, que retrata o jogo de futebol na praça, e a *Oriental de Natal*, de Emily Assis, que destaca a presença de uma moça oriental na janela de uma cidade nordestina.

O critério que embasou a antologia foi o de mostrar a variedade de estilos de crônica, ora assumindo um tom mais humorístico (*Cobrança*), ora irônico (*Um caso de burro*), ora mais lírico (*Pavão, O amor acaba*), ora ensaístico (*Sobre a crônica*). Fica evidente que essa coletânea propõe experiências significativas de leitura. Porém, elas não são suficientes para o aluno ter acesso às diferentes perspectivas acerca da temática da OLPEF, a fim de desenvolver sua produção escrita. Além disso, prevalecem as crônicas assinadas por autores renomados e pertencentes ao restrito círculo da literatura socialmente valorizada no Brasil.

Considerações finais

Em suma, a antologia da OLPEF apresenta a variedade de crônicas quanto ao tom emotivo-volitivo (lírico, ensaístico, humorístico), ao contexto de produção (antigas e contemporâneas, escritores consagrados e estudantes), às organizações estilístico-composicionais e ao tema, considerando seu caráter híbrido e heterogêneo, ou melhor, o heterodiscurso que lhe constitui (BAKHTIN, [1934-1935] 2015). No entanto, preza pela cultura letrada oficial, impressa, representada pela seleção privilegiada de textos cujos autores já constam no seleto grupo pago para fazer literatura e cujo suporte (o livro) atesta a qualidade literária da obra (SÁ, 1997), em detrimento da escolha de novos escritores ou de textos publicados na mídia digital, por meio da integração de múltiplas semioses (ROJO, 2009).

Distancia-se, desse modo, das vozes que representam as linguagens das ruas, de suas diferentes posições discursivas e dos hábitos contemporâneos dos adolescentes de ler na Internet, por meio de celulares, de computadores e de tablets. Ou seja, não favorece os letramentos plurais, críticos, híbridos e multiculturais (ROJO, 2009), de caráter mais democrático. Em termos bakhtinianos, podemos dizer que a OLPEF compromete-se, sobretudo, com a estabilização e a fixação de sentidos promovidas pelas forças centrípetas da língua, em detrimento da dispersão e da descentralização do universo verbo-ideológico, realizadas pelas forças centrífugas da língua (BAKHTIN, [1934-1935] 2015).

Além disso, a temática da OLPEF – *O lugar onde vivo* – não foi o critério adotado para compor a antologia. Concluímos que o Programa optou por mostrar as diferentes facetas do gênero, negligenciando, contudo, o tema e a discussão por ele implicada sobre a diversidade sociocultural brasileira. Apesar dessa ausência prejudicar a qualidade da coletânea, a OLPEF favorece a ampliação significativa das práticas de leitura literária na escola, contribuindo com a formação do leitor em geral e, mais especificamente, do leitor e produtor de crônicas.

Referências

BAKHTIN, M. [1924] O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, M. [1975] **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 7. ed. São Paulo: Unesp, 2014. p. 13-70.

BAKHTIN, M. [1934-1935] **Teoria do romance I**: a estilística. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. [1952-1953] Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2016. p. 11-69.

BENDER, F.; LAURITO, I. **Crônica**: história, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993.

CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, A. *et al.* **A Crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

DALVI, M. A. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 67-97.

GERALDI, J. W. Mediações pedagógicas no processo de produção de textos. In: GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 165-182.

HALTÉ, J.-F. [1998] O espaço didático e a transposição. Tradução de Ana Paula Guedes. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 117-139, jul./dez. 2008.

KLEIMAN, A. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Revista Signo**, Santa Cruz do Sul. v. 3, n. 53, p. 1-25, dez. 2007.

LAGINESTRA, M. A.; PEREIRA, M. I. **A ocasião faz o escritor**: caderno do professor: orientação para produção de textos. 5. ed. SP: CENPEC, 2016a.

LAGINESTRA, M. A.; PEREIRA, M. I. **A ocasião faz o escritor**: caderno virtual. SP: CENPEC, 2016b.

LUNA, T. S. e. **Ensino do gênero crônica na Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro**: ecos da tradição e novas práticas. 2019. 513 f. (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

OLIMPÍADA de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. **Coletânea**: Crônicas. 5. ed. SP: CENPEC, 2016.

OLIVAL, M. C. S. **O espaço da crítica II – crônica**: dimensão literária e implicações dialéticas. Goiânia: IGL/AGEPEL, 2002.

OSAKABE, H. Poesia e indiferença. In: PAIVA, A.; MARTINS, A. A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (Org.). **Leituras literárias**: discursos transitivos. Minas Gerais: Autêntica, 2005. p. 37-54.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

SÁ, J. **A crônica**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

Sobre a autora

Tatiana Simões e Luna ([Orcid iD](#))

Doutora e mestra em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE);
graduada em Letras - Língua Portuguesa pela UFPE. É professora do Departamento de
Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Recebido em março de 2020.

Aprovado em junho de 2020.